

CryptoTulipas



Por **MANFRED BACK & LUIZ GONZAGA BELLUZZO***

A Tulipomania holandesa do século XVII e a febre especulativa das criptomoedas, ambas são manifestações de irracionalidade coletiva e busca por riqueza fácil

1.

Era uma vez, em 1630, um país chamado Holanda. Nas terras dos assim chamados Países Baixos ocorre um frenesi que se apodera da grande maioria da população – do mais rico ao mais pobre. A tulipomania mobiliza corações e mentes na busca obsessiva por riqueza fácil.

Em 1636, um bulbo dessa exótica planta ornamental poderia ser trocado por uma nova carruagem, dois cavalos cinzentos e um conjunto completo de arreios. A febre do cultivo e comercialização de vários tipos de bulbos se alastrou na economia holandesa, mais rápido que a velocidade da luz. Não havia internet!

A demanda de espécies raras de tulipas cresceu tanto que foram criados mercados regulares para sua comercialização em bolsa de valores em Amsterdam, em Rotterdam e outras cidades holandesas.

No livro *Manias, panics and crashes* o economista Charles Kindleberger faz uma autópsia dos processos maníacos que, inevitavelmente, terminam no colapso de preços e nas crises de crédito. Assim foi em Amsterdã, no episódio da Tulipomania, um antepassado modesto dos grandes *crashes* dos séculos XX e XXI.

Entre 1634 e 1637, os investidores holandeses, muitos de classe média, especularam furiosamente com a possibilidade de negociar a preços cada vez mais elevados os bulbos de tulipa, que, ademais, tinham a vantagem de exigir muito pouco ou nada para a sua reprodução. Na base das expectativas exacerbadas a respeito da evolução do preço das tulipas estava o Banco de Amsterdã e sua capacidade de estender o crédito e suportar o avanço da especulação.

Na história das finanças é comum a imagem de investidores inconformados com os resultados da própria cupidez. Desde a Tulipomania de 1634, passando pelas crises cada vez mais frequentes do século XVIII (como a Bolha dos Mares do Sul, em 1720), e chegando aos desastres financeiros do século XX, o que mais impressiona o observador é a semelhança entre episódios tão diferentes.

Em 1852 Charles Mackay publicou o livro *Memoirs of extraordinary popular delusions and the madness of crowds*. Nas páginas de sua obra Charles Mackay se ocupa das crises financeiras desencadeadas nos séculos anteriores. Entre tantas, despontam John Law e seu Esquema Mississipi, A Bolha dos Mares do Sul e a Tulipomania. Nesse episódio de loucura coletiva, as operações com tulipas tornaram-se tão amplas e intrincadas, que foi necessário criar um arcabouço legal para orientar os negociantes.

2.

Em 1637, veio o fim, o estouro da bolha das tulipas. Subitamente, os mais prudentes e nervosos, desencadearam a venda dos bulbos. Indícios indicam questionamentos que incomodaram esse grupo de tulipomaniacos. Teriam assomado às suas almas ambiciosas algumas indagações: o que é uma tulipa, além de uma planta ornamental? O que faz uma tulipa, além de ser uma planta exótica, uma flor?

Charles Mackay acentua a loucura das massas embaladas nas esperanças da grana fácil: “Nobres, cidadãos, fazendeiros, mecânicos, marinheiros, lacaios, domésticas e até limpadores de chaminés e lavadeiras idosas enfiaram seus narizes nas tulipas. Pessoas de todas as categorias convertiam suas propriedades em dinheiro, e investiam em flores. Casas e terras foram postas à venda a preços ruinosamente baixos, ou dadas em pagamento de negócios efetuados no mercado de tulipas”.

A Holanda entrou em depressão econômica por vários anos. “O episódio especulativo sempre termina não com um suspiro, mas com uma explosão” (John Kenneth Galbraith).

Hoje, vivemos a euforia das criptomoedas, a cada dia da semana, dia, sim, outro também, um minerador cria sua própria moeda digital, com a esperança que alcance os pináculos do bitcoin. Assim, como bulbos de tulipas, há que indagar: o que é um bit? o que eu compro com um bit? quanto vale um bit? nada, além da capacidade de memória! e um algoritmo? Vale o que?

“A regra é a seguinte: as operações financeiras não se prestam à inovação... O mundo financeiro não cessa de saudar a reinvenção da roda, muitas vezes em versões progressivamente mais instáveis” (John Kenneth Galbraith).

Plataformas de negociações de crypto, ETF de crypto, contratos futuros de crypto, mineração de crypto. Formas como *stablecoins* se apresentam como a ressurreição digital do velho padrão-ouro, pretendendo transformar as plataformas privadas em garantidores da estabilidade das pseudomoedas. *Delenda* Bancos Centrais!! Os crentes proclamam: o *blockchain* garante a autenticidade monetária das cryptos. Esquemas Ponzi, pirâmides, alavancagens proliferam nesse mundo “monetário”.

3.

Cadê a aceitação geral? Para eu comprar alguma coisa tenho que trocar minha crypto por moeda local, dólares, euros, reais. Mas os crédulos carregam em suas carteiras 1 trilhão de dólares desses bits misteriosos e milagrosos! Interessante o patrimônio crypto é medido em dólares, uma moeda criada em 1776!

As novas tulipas digitais estão aí nos corações e mentes da modernidade. “De maneira uniforme em todos os eventos especulativos está a ideia de que há algo novo no mundo”. (John Kenneth Galbraith). “Toda pessoa, enquanto indivíduo, é toleravelmente sensata e razoável, mas, como membro de uma multidão, torna-se imediatamente um idiota” (Friedrich Von Schiller),

Voltamos a Charles Mackay: “Ao ler a história das nações, descobrimos que, como os indivíduos, eles têm seus caprichos e suas peculiaridades; suas temporadas de excitação e imprudência, quando não se importam com o que fazem. Descobrimos que comunidades inteiras de repente fixam suas mentes em um objeto e enlouquecem em sua busca; que milhões de pessoas ficam simultaneamente impressionadas com uma ilusão e correm atrás dela, até que sua atenção seja atraída por alguma nova loucura mais cativante do que a primeira”.

“O dinheiro, novamente, tem sido frequentemente uma causa da ilusão de multidões. Nações sóbrias de repente se tornaram jogadores desesperados e arriscaram quase sua existência ao virar um pedaço de papel”.

a terra é redonda

No Brasil de hoje, a loucura coletiva assedia os senhores da grana que repetem obsessivamente o mantra do Risco fiscal. Corta, corta, corta e danem-se os prejudicados. Manda quem pode, obedece quem tem prejuízo.

***Luiz Gonzaga Belluzzo**, economista, é Professor Emérito da Unicamp. Autor entre outros livros, de O tempo de Keynes nos tempos do capitalismo (Contracorrente). [<https://amzn.to/45ZBh4D>]

***Manfred Back** é graduado em economia pela PUC -SP e mestre em administração pública pela FGV-SP.

a terra é redonda
existe graças aos nossos leitores e apoiadores
Ajude-nos a manter esta ideia.
CLIQUE AQUI ➡ **CONTRIBUA**